

# Os Braços da Lancha

José Peixoto

A lancha poveira do alto traz o mar na memória. São 20 anos temperados de sal e doce convívio entre os tripulantes que vestem ou vestiram a pele de lobos-do-mar. Nascido na Póvoa de Varzim em 1971, Francisco Franco é mecânico de automóveis, desde os 14 anos de idade, e tornou-se tripulante da lancha a convite de um amigo.

Todas as viagens na lancha deixam histórias para contar como diz Francisco Franco: "tive um baptismo que não esqueço. Fomos a Combarro, éramos 13 pessoas a bordo. Quando saímos o mar estava muito encrespado. A lancha voava e caía com estrondo na vaga seguinte. Era assustador e quase toda a gente enjoou. Muitas horas depois fundeamos nas Ilhas Cies. Foi a bonança. Minutos depois estávamos a assar e a comer bacalhau como se nada tivesse passado". A viagem a Cambados também deixou memória: "navegamos a motor, à vela, a remos e a reboque. Essa viagem de reboque foi de uma violência rara, levamos pancada desde La Guardia até à entrada da Ria de Arousa", concluiu o tripulante.

Sempre que era preciso Francisco Franco desempenhava o papel de mecânico: "infelizmente raras vezes serviu, as avarias não tinham solução no mar. Na viagem para

Cambados o motor bloqueou e a lancha ficou três meses na Galiza até ser reparado. Quando fomos a Ferrol a hélice desapareceu junto ao Cabo Finisterre. No porto de mar encontramos um mecânico que gostava da pinga e antes de pôr a lancha a seco, mandou encostar numa zona de pedra. A maré desceu e a lancha rachou com o peso. Foi preciso calafetá-la. O Carlos foi à procura de hélices e trouxe seis que não serviram. Acabou por ser o Abraão, que tinha ficado na Póvoa, a levar a hélice e o braço do motor antigo".

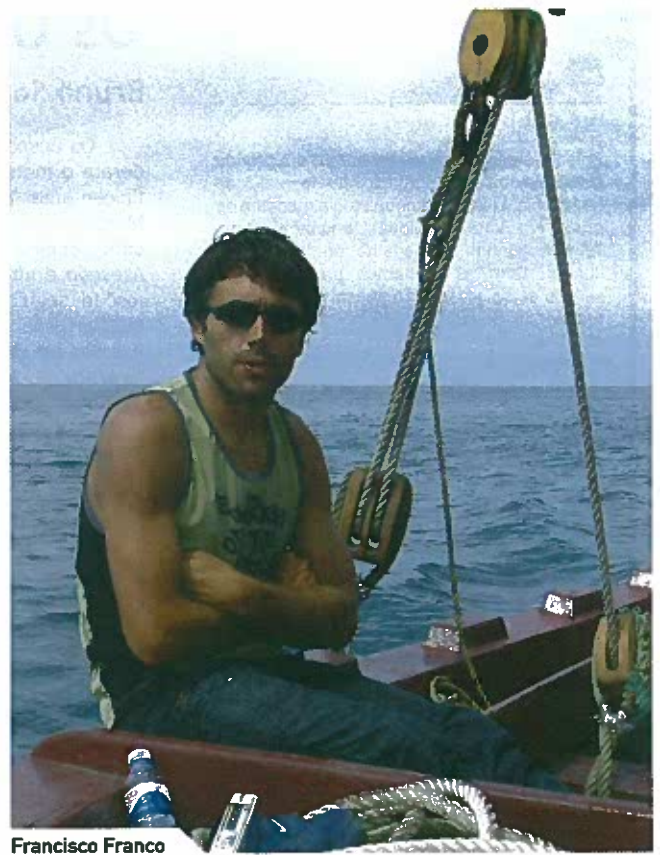
Entre cansaços e alegrias, Francisco Franco relembra situações que muito contribuíram para se sentir orgulhoso por ser tripulante da lancha: "não esqueço a atracagem em Combarro. Estava muita gente no cais e o mestre virou-se para a tripulação e ordenou: quando eu disser para arrear a vela, é para arrear mesmo. Colamos ao cais na perfeição e recebemos um estrondoso aplauso. Aí senti um arrepio na pele e um grande orgulho de pertencer à tripulação da lancha poveira".

Francisco Franco reconhece que não é fácil deixar a tripulação: "nunca esqueço as viagens, o convívio com o pessoal da lancha ou entre os marinheiros das outras embarcações tradicionais. Admiro muito o

mestre, que tem já uma idade avançada e continua a fazer tudo o que a lancha precisa. Quando toda a gente enjoou e eu escapei, não me senti mais que os outros, mas percebi que aguentava muito mar. Isso fez-me sentir bem". E acrescenta: "agora trabalho por conta própria e só ganho se o fizer. Depois nasceu o meu filho e tenho que estar mais próximo. Por minha vontade andaria na lancha sempre que fosse preciso, mas a vida não me facilita".

O tripulante não esquece os cuidados a ter a bordo de um barco de boca aberta, como é a lancha poveira. "É preciso ter um pacto com a sorte. Sempre me admirou os pescadores a correr entre bancos e cavernas. Se não houve acidentes de maior entre os tripulantes, foi porque perceberam que não estavam num barco qualquer e ganharam uma certa disciplina. Em viagem, a lancha poveira não tem nada de turismo".

Francisco Franco não tem dúvidas: "a Fé em Deus sobreviveu porque as pessoas sempre disponibilizaram parte do seu tempo para se entregarem à lancha. Gostava que a viagem continuasse e que a Câmara nunca deixasse de apoiar o maior símbolo da cidade, onde os pescadores nunca deixaram de ser lobos-do-mar".



Francisco Franco

## Pintura na Galeria de Arte Do Casino Estoril



A Galeria de Arte do Casino Estoril tem patente ao público o XXV Salão de Outono, em que participam 50 pintores e escultores, que são referência nas nossas Artes Plásticas. Para além dos consagrados Nadir Afonso, Matilde Marçal, Lima Carvalho, Marília Viegas, Manuel Cargaleiro, Jacinto Luís, Roberto Chichorro, Helena Liz, Gustavo Fernandes, Paulo Ossião, Branislav Mihajlovic, e Luzia Lage, estão representados artistas mais jovens, que se evidenciaram nos Salões de Primavera e agora transitam, por reconhecimento do seu mérito, para a turma dos consagrados, como Gil Maia, o primeiro vencedor do Prémio Rainha de Bragança dos Salões de Primavera, Ana Pais de Oliveira, Mariana Sampaio, Maria Flores, Rodrigo Machado, Filipe Rodrigues, Pedro Castanheira, Mário Vitória, Fernando Gaspar, Damião Porto e Diogo Navarro, além de outros.

Para a Galeria, sempre à descoberta de novos valores, é importante referir a participação de dois auto-didactas, Alexandra Costa Gomes e Duarte de Jesus. Por tudo isso é uma exposição que merece ser visitada. Todos os dias, até 15 de Janeiro de 2012, excepto no dia 24 de Dezembro, das 15 às 24 horas.

# O Novo Livro de Angelo Vaz

Bruno Sousa

O livro "Capas", de Angelo Vaz e Fátima Porto, foi apresentado, sexta-feira, na Livraria Locus, na Póvoa de Varzim. Depois de percorrerem algumas cidades do norte do País, os autores fizeram a primeira fase de uma apresentação que volta a acontecer em Janeiro, no Diana Bar.

André Rodrigues, jornalista poveiro, deu o mote para as palavras se soltarem de uma plateia que, embora reduzida, foi muito participativa. Foram declamados poemas do livro, acompanhados por um Porto de Honra para aquecer as gargantas.

Após a sessão de autógrafos, Angelo Vaz falou à nossa reportagem: "o livro tem sido muito bem recebido em todos os lançamentos. Era algo que já esperávamos e só temos confirmado as expectativas. Para quem não esteve presente e queira adquirir um exemplar do "Capas", o livro está à venda na Papelaria Locus, ou através do blog capasaf.blogspot.com".



Angelo Vaz, Fátima Porto e André Rodrigues